

ANNO 5.

SABRADO 6 DE JULHO DE 1872

N. 236

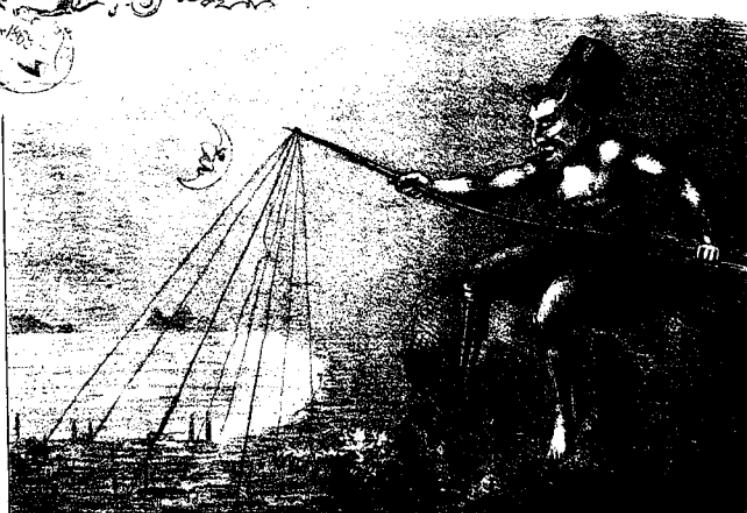
VIDA FLUMINENSE

Folha Ilustrada

ESCRITÓRIO
RUA DO OUVIDOR
52-sobrado-52

CORTE

Trimestre	55000	PROVÍNCIAS	115000
Semestre	105000	Ano	215000
Ano	205000	Avulso	13000



O chapéu cíco à pesca, ... de todos os ridiculos d'esta heroica
cidade de S. Sebastião.

A VIDA FLUMINENSE

Rio, 6 de Julho de 1872.

Zarzuela impolitica

Não se ri, o leitor: — sei que nos acha extravagantes, e tem cartadas de razão para isso.

Mas que quer? Façam-nos justiça de acreditar que, se em relação nos títulos somos extravagantes ou volúveis, como lhe aprovarei, pelo que toca às idéias somos de uma constância e sudez injejáveis.

Ve-se daqui que a volubilidade e a constância podem andar de braço dado, e que as antitheses nem sempre vigoram em toda a sua força.

A nossa Zarzuela de hoje é impolítica. Folguem com isso os Srs. da Dissidência por julgarem que não boliremos com elles?

« *Engano d'alma ledo e cego.* » A política entra na Zarzuela; entra, sim, senhores, e é justamente por entrar na causa essa pobre vítima, hoje prostituída pelos seus maus filhos, que somos desta vez obrigados a ser impolíticos.

Portanto, com licença.

Está em dia a celebre *nota* do notável diplomata argentino.

O que tem-se tornado digno de *nota* nessa *nota* é que o diplomata é homem de má *nota*... pelo menos no que respeita à urbanidade exigida em questões melindrosas, como costumam ser-ló as internacionaes.

Mas porque será que tudo quanto é república anda a querer divertir-se com o nosso Brasil?

Será porque esses pontos esparsos no oceano, vendo os jornaes republicanos e liberaes levantar-se contra a monarquia e as idéias da situação, entendem que as dissensões políticas rasgam e dilaceram os homens do Brasil em uma guerra surda e fratricida?

Será possível que esses *homunculos* qui-

ram prestar o seu apoio aos republicanos d'aqui, afim de derribarem a monarquia legítima e solidamente constituída?

Outro oficio, caros irmãos... em Christo.

Emfim a época é dos Tejedores e o seculo pertence aos Mitres, às Mitras e a tudo quanto é *mitrado*... Que fazer?...

A propósito: vamos abrir aqui um parenthes para oferecermos à perspicacia dos nossos leitores uma charadasita que é muito menos intrincada do que os planos dos infelizes dissidentes.

Cá vai ella:

B-a ba e mais um R	1
Um T' que traz na testa	2
Um pronomé possessivo	1

Ajuntem a tudo isso
Um appellido engracado
Que se em vez de findar em e
Fosse por a terminado
Seria o chapéu daquelle
Que é hoje nosso Prelado.

Conceito

Ambo florentes octate
Mitruti ambo.

Adivinheim.
Antes de ir além queremos pedir venia aos leitores pela ruindade do verso.

Não temos lá muito talento para o culto de Mnemosyna;..... mas também aproveitamos a occasião para dizer que preferimos ser leigos na sublime religião da Poesia, a prostituirmos o seu sagrado incenso aos pés de falsas divindades, como o fazem por ahi certos vates... de mau gosto.

Verbi gratia:

Como justificar-se a inspiração d'um mestrel cujo estro todo se incendiou para saudar a uma cantora do Cassino, a ponto de blasphemar em verso e assignar seu nome por baixo da blasphemia?!

O' musas do Parnaso, de que rubor se não vos tingiram as faces vendo o sacrilego verseador inclinar para um altar equivoco a lyra sacrosanta que donstes em santo arronho a Camões, Lamartine, Hugo, Garret, Alfredo de Musset e tantos outros dilectos de vosso corações privilegiados?

E vós, ó Deus dos Christãos, de que doce piedade não seria o sorriso de compaixão que vos crispasse os labios ao ouvirdes o vago murmurio do blasphemio poeta que ergou-se ante a vulgaridade de uma choreal deidade, esquecendo-se da luz immortal com que lhe banihaste a alma!

Basta de jeremiada... embora seja realmente triste que um rapaz de talento gaste o seu tempo e o seu estro com um assumpto tão pouco merecedor do seu estro... e do seu tempo!

K. L. S.

Bellas-Artes

A exposição das bellas-arts este anno não pôde ser apreciada por ser muito visitada. Vai-se à academia como quem vai à casa de um amigo doente; para tudo, menos para visitá-lo.

Muito a custo tomos podido chegar até alguns quadros, porque de velos à distância perdemos a esperança. O que, pois, vamos dizer é sem pretensão de crítica; são ideias ocorridas diante de algumas telas, sob a impressão de um calo machucado e as algibeiras em perigo.

Do que vimos da *Batalha do Campo Grande* podemos apenas concluir que o dito popular de — será mais facil um burro voar — como equivalente de cousa impossível nem sempre tem cabimento; no quadro do Sr. Dr. Pedro Americo ha tres cavallos que voam, nada menos de tres.

Batalha houve, eu a vi, não no quadro; mas entre os espectadores, e foi sem dúvida contando com isso que o autor deixou de pintal-a na tábua.

No mais é fidelíssimo.

O mesmo brilho de uniforme nos oficiais, o exercito formado em parada, as physionomias calmas de quem sabe que não corre perigo, e de vez em quando uma ou outra bala; o fumo é espesso, abundante e feio, para indicar que a cousa esteve feia.

O mesmo assumpto serviu de thema a um Sr. Steffen, surdo-mudo, que, ao que parece, divergo

da opinião do Sr. Dr. Pedro Americo a respeito da valentia do príncipe.

No quadro do Sr. U. Steffen, o príncipe, que entretanto, ao que dizem as partes oficiais, se portou gallardamente, está a correr pela tábua fora, e o major Almeida Castro tenta, mas é poupar-lhe a vergonha de uma fuga: opiniões.

—Como é chato este quadro, dizia alguém parado ante o *Combatte de Caraguatay* do Sr. Steffen, nada exprime, nada diz.

—Como queres que diga, retrucou o H. Chaves, pois não vés que o autor é mundo?

O Sr. Agostinho Motta expôz trez paysagens: *A vista de Souqueirand, A cascata de Buié e A arvore canivete*. A excellencia da *Vista de Souqueirand* é a imponibilidade do mar e a firmeza da terra. Se aquelle mar ondula ou a terra se desprende, ha uma conflagração: temos, certo, uma inundação na academia ou um aterro.

Quem sabe! I ha males que vêm para bem!

A *cascata de Buié* prima pela agua que esguicha de umas pedras, que vistas de longe tomam proporções de dous sacos de carvão. O que nos não parece conveniente é a intenção daquellas duas figuras de cícoras nas pedras do primeiro plano. Para representar a solidão, o crimo, não necessitava o pintor symbolar a... ponca decencia. Era um caso em que o verdadeiro não é o bello. Aquellas duas figuras melhorei fariam si se interessassem pela matta.

A não ser isso a *Cascata de Buié* seria um primor e seria mais lógico chamar-a a *Cascata do Repicho*, título apropriado e não descommunal, mormente tendo ao lado uma *arvore canivete*, que não justifica o título.

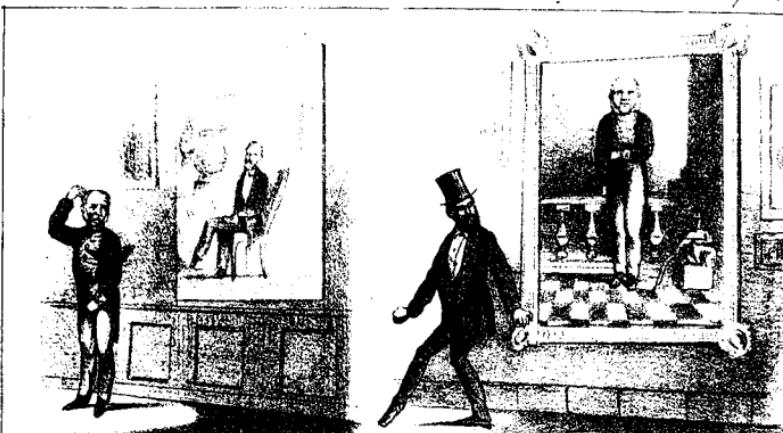
A *Arvore Canivete* é, não obstante um primorízimo e só ella bastava para honrar o nome do Sr. Agostinho Motta na exposição.

Os Srs. Eduardo de Martino e Gustavo James expuseram *marinhas*. Si para constituir um genero bastasse dar delle uma ideia, os quadros dos Srs. de Martino e James seriam dignos de louvor. Mas, do modo porque estão, nada diremos sobre elles por apenas indicarem as intenções dos autores; quando forem acabados, delles falharemos:

Até lá temos tempo.

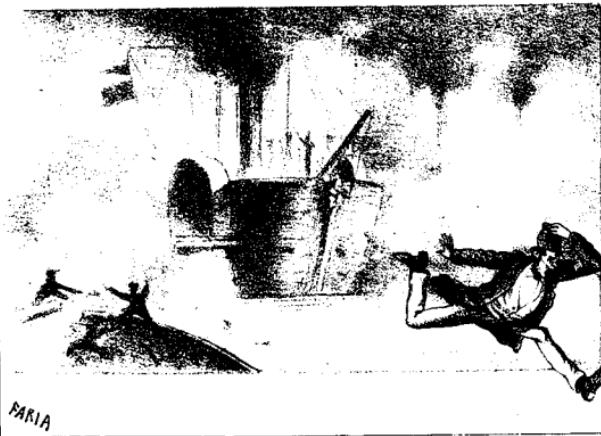
Os Srs. Rocha Fragoso, Poluceno e varios outros expuseram telas, que a julgar pelo catalogo são retratos.

E certo o ditado de que quem conta um conto lhe acrescenta um ponto: a teoria do bello engrandecido chegou até nós com muitos pontos. No Brasil, onde se trata de crear escola, os pintores como os Srs. V. Meirelles e P. Americo procuram caracteri-



O Sr. Paranhos. "Pew, pew, pew!"

O Sr. Paulino. "Mau, mau, mau!"

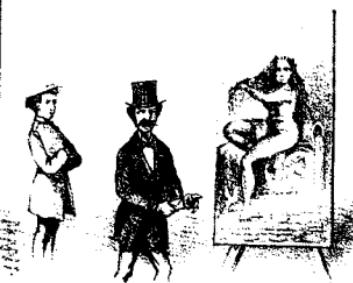


"Yafa! O tal Amorim as andou que não é
brinquedo, e se ele vom sobre um pobr
homem!... Nada, o mesmo que esse her
os paraguaios, não o fará da' a pessoa.

"Zu calor! Zer arqui!
Nas pra' reguins
que basta!"....

"Salaõ" de 1872.

u, e timoratos.



*Alheia que o urbano se veste
para intigar uma Cartinha de
amores à sua querida carioca.*



*Irrai! Cachorros na exposição!
Está só tembra ao diabo!*



*Esta cascata do Motta
far uns calafrios...*



*Perigo a que estavão expostas
as moças que se chegam
n'esse porto das Passagens
de Ipanema.*

*Sabe d'ahi desgracado! Não viu
que essa espingarda vai disparar?!*

sal-a pela execção, os Rocha Fragoso, Poluceno *et magna committante cetera* pela concepção. E para nada ficarem devendo aos fundadores das outras escolas, os adeptos da concepção atraem com arrojo a phantasia pelos espaços incommensuráveis. E por isso que são incommensuráveis os seus quadros. Cada tela!...

O Sr. Rocha Fragoso, porém, é de todos, o que vai mais longe. Além do grandissíssimo pintor, o Sr. Rocha Fragoso é eminentemente científico. Disseram-no que no Brasil a natureza é opulenta e fértil, e elle o quer comprovar; para isso pinta o tronco dos homens gigantescos e, se acontece às pinturas sahirem pequenas, é defeito da pequenez da tela; não as quer estender para as não pôr fôra do quadro. Haja-se em vista os quadros expostos.

O Sr. Guilherme Doer expôz algumas fructas copiadas do natural, a pastel.

O Sr. Doer é um bom pasteleiro de fructas; e acreditamos que mais faria em uma confecção da que n'uma exposição.

As honras do salão conheram ao Sr. Victor Meirelles, que expôz dous quadros gigantescos e algumas minudezas.

Pra evitar a inconveniente importunidade de alguns admiradores, que se não contentam com a vista, mas querem tocar, cheirar e até às vezes lambêr a tela para verificar o gosto d'água, si é salgada ou doce, o Sr. Meirelles metteu o seu quadro do *Combate do Riachuelo* em uma jaula.

Contemplação humanitária, recôjo de que alguém fosse envolvido na luta e salisse prejudicado. Os quadros do Sr. Victor veem-se por um oculo; elle mesmo dá o exemplo levando para a academia, não um, mas dous, um para cada olho.

O Sr. Victor Meirelles, como o Sr. Dr. Pedro Americo, pondo de parte qualquer gracejo, são dous artistas superiores, o grato aqui me confesso polo brilhantismo que deram à actual exposição.

P.

O diabo côxo

EV CONTEMPLAÇÃO SOBRE O CÔCOVADO.

Pelos chifres de meu mestre,
Pelo rabo qu'ele tem,
Eu não dou um só vintem
Pelo mundo e a criação.
Só o rabo e não o trôco
Pelos bumbos la de baixo,
A quem piliças encaixo
Só por méta distração.
Ali vejo um sogrinhos,
Muito ilustre cavalheiro
Que, illudindo o mundo inteiro,
Tem furtado, sem cessar.
Passa as noites debochando,
Mas de dia é figura
Que procura a distração
No mais negro lupanar!

Eis ali certo canalla
Que se joga com fulento,
Sendo apenas um jumento,
Mas jumento *titular!*
Cotidinha! causa pena...
Bem fumado nas perninhos
Finas... finas, ques varinhas,
Quer por salão só encantar!

Eis um biltre e grande falso
Que, por causa da *cangalha*
Que lhe deram na—*medalha*—,
Fez-se escravo forte e vil:

E soberbo co os patrões,
Arrastado e maltratado,
Mas o vê um potigueda,
Fica humilde e aqui servil.

D'aque vejo um magistrado
Quem fazendo mal bandalheira
Por um grossa pepinheira,
Quer em—juiz—se erigir!

Eu, porém, que tido vejo
Quer dormindo, quer viando,
Meu protesto vos favrando,
Muito serio, sem me rir.

Tambem vejo certos padres,
Que, pregando a castidade,
Mas não tendo honestidade,
Têm *comendas* à fatar...
Como devem sustentá-las,
Quando em casa faltam os cobres,
Os colchões, que são pelres,
Seus coidões van farrar!

E que tal o caixerinho!
Ia val pondo n'almeira,
Pra que o coitado,
Corta sombra que farto...
Bem merece esse valhaco
Ser assado e bem assado,
Mas depois de castigado,
Pela pega que pregou...

Bravos! Bravos! Muito bem!...
A devola, já valhosa,
Passa vida nati palanca
Com seu lindo confessor!...
Desempenha o tal *marroco*,

Só com elle fechadinho,
Confessand-a hem baixinho,
Seus deceres de pastor!...

Ali vejo um tralante,
Descarado caloteiro,
Que flouçou-se c' o dinheiro
Quia mandaram receber:
Quem o vê lá pedantando,
Fidalguinhos arrastando,
Né grandezas só falando,
Né lendas só prender.

Tambem vejo um amanvelha
Quem, por ordem de um ministro,
Cujas nome não registro

Dá sentenças de asseio!...
Como quer a tida a forçar

Figurar o mais possível,
Da facão pôr-se no nível

Quando fala a um figura!...
Finalmente, d'aque vejo

Tais misérias neste mundo
Tão safado e tão imundo,

Que me sinto horrorizar!...
Se meu amo consentisse,

Bem no centro de fogos

Todas essas bandalheiras
Eu faria terminar...
Satanaz (aparecendo).
O que fizés asentado
Sobre o monte «Carcavado»?

Diabo côxo (levantando-se).
Quasi nada aqui fazia,
Meditava no que via...
Satanaz.

Quero ouvir-te, mas começa,
Porque tenho alguma pressa.
Diabo côxo.

Vi devotas carmenhas,
Intrigantes, perigosas;
Frigideiras, debauchadas,
Magistrados imóveis, res-
Maldizendo dos dons-res,
Alguns padres inócuos,
Empregados mai venais,
Caixerinhos surrateiros
Adestrados ratoneiros,
Do governo os dissidentes,
Descompõendo os adiarentes,
Os amigos se trahindo
E ate mesmo o forinjo!...
Finalmente, bando vi,
Que de horror estremeci!!!

Satanaz.
Ouve então, que vou contar,
Muita coisa de passar.
Tão vés aquiele—*quidam*—,
Marijó, que se perdeu,
De bigode e barba,
Com linda, a manorá?
Muito leu; fica sabendo
Que, por sôlo de dinheiro,
Esse grande aloviteiro
Fez da casa um lupanar!
En conlheu um mulatinho,
Feito—às pressas—conselheiro
Que, por ser interessero,
Tanto fez, que se casou.
A mulher era velhuzca,
Nada tinha de beleza,
Mas o brilho da riqueza
Nossa *negra* fascinou...
Tu não vés aquella dama
Tão bonita e preparada,
Com a fronte re-clinada
Sobre a linda e rosa mão?
E' casada e quem sustenta
Todo o luxo e seu marido,
Que, depois de pervertido,
Se fez alvo d'irrisão!...

Olha mais: tu não descolares
Sobre a cama um sujeitinho,
Do que vê se seu tal futeinjo
Que passou um pimentão?
Pois, meu caro, esse *tororó*—
Que só tinha um par de calgas,
Passou tantas noites faltas,
Qu'está rico e tem braçô!

Diabo côxo.
Que misérias tão maléficas!
Que paixões tão turbulentas!
Satanaz.

Cala a boca, maldizente,

É um grande imperilento.

Diabo côxo.
Quai o que! Estou brincando;
Continua, estou gostando.

Satanaz.
A hem tempos um sujeito,
Mais malhoso que a raposa,
Sóh que a raposa
De seu filho, que esqueceu.
Que pagoda então não houve!
Louco e cego o tal marido,
Quo se via escarneido,
Deu no pâi, que o desherrou!

Diabo côxo.
Que perverso coração!
Que fio negra, infânia açojo!
Satanaz (impaciente).
Se não, querem levar saco,
Não me falles como louco:
Deixa o filho dar no pâi,
Não te importes com o que vai.

Diabo côxo.
Já me calo, oh! grande rei!
Nada mais eu te direi.

Satanaz.
Assim mesmo é que é preciso;
Quero ver-te com juizo.
Ouve, puis, e sem mexer-te,
Tudo quanto vou dizer-te;
Do contrário, sem tardança,
Te pisando sobre a pâpa,
Como eu sou o teu juiz,
Esborracho-te o nariz...
Eis-te, puis, já prevenido,
Toma agora mais sentido!

Diabo côxo.
Não te zangues, por favor!
Deixa quieto o teu uror.

Satanaz.
Há sujeitos tão malvados
Que, canhados da tardança
D'empolgar alguma herança,
Chegaram mesmo até matar!
A Justica que temido
De tais matadores horríveis,
Estes crímenes espantosos,
Deixa impunes campear!!
Muitos outros falsificam,
Do tal ato de ladraria,
Letras, títulos, testamentos,
Que conseguem enriquecer:
E depois a tal caterva
Criminosos dos salários,
Que ficaram millionários,
Quer-se a força vingar!

Diabo côxo (intrometendo).
Eu não posso acreditar...

Satanaz (furioso).
Ja que teimam em falar,
Apesar de prevenido,
Vou bater-te e bem batido,
Porque deves ser punido...

O cantar do gallo veio suspender a execução do castigo
e terminar tão edificantes historietas, cuja continuação da-
rem brevemente com os nomes, apelidos, filhas, na-
turalidades e posições sociais dos diversos heróis, que
nellas têm de fazer um brilhante papel.

Gar la dessus!

F. N. MARQUES.

Typographia — Academica — Rio Sete de Setembro n. 71

AVIDA FLUMIXENSE



Se formar enquetadores os estross da diplomacia, eis a atitude que a Nacio deve tomar perante as notras Iegedor, e quejandas.